

## Da polarização à solidariedade latino-americana: imaginários e disputas simbólicas acerca do oxigênio venezuelano <sup>1</sup>

Igor Fernando MALLMANN<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

### RESUMO

Este ensaio traz como tema as disputas simbólicas desencadeadas pelo anúncio do envio de oxigênio por parte do governo venezuelano à cidade de Manaus, que passava por uma crise de saúde pública no tratamento de pacientes atingidos pela Covid-19. Discute-se a problemática do poder simbólico, da circulação e das relações entre as dimensões do imaginário, do real e do simbólico. A partir dos conceitos teóricos acionados, apresenta-se inferências sobre o caso empírico abordado, propondo interpretações possíveis a respeito das polarizações observadas nas publicações da plataforma Twitter, dos imaginários evocados e das intervenções de agentes que superam essas polarizações em direção a outras construções simbólicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** disputa simbólica; imaginário; Venezuela; circulação.

### 1 INTRODUÇÃO

Em janeiro de 2021, a crise do sistema de saúde no combate à pandemia de Covid-19 teve sua gravidade evidenciada com a falta de oxigênio na cidade de Manaus. Paralelamente à calamidade sanitária, eleva-se a disputa de sentidos nas interações midiáticas no contexto de uma sociedade brasileira polarizada. Nesse ínterim, um dos eventos a se transformar em inflamável combustível nessas disputas simbólicas em rede é o envio de ajuda em forma de oxigênio por parte do governo da Venezuela a Manaus.

Nos últimos anos, percebe-se a emergência, no circuito midiático digital, de apropriações e disputas em torno de termos como “socialismo” e “comunismo”. Isso inclui resgate de construções simbólicas de outros períodos históricos, como a ditadura militar brasileira e a própria Guerra Fria. E justamente a Venezuela é um dos tópicos favoritos nos embates políticos atuais. Para os grupos situados mais à direita no espectro

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Artigo originalmente desenvolvido na disciplina de Teorias da Comunicação – PPGCC – Unisinos, semestre 2021/1, administrada pelo professor Jairo Ferreira.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista CNPq. <http://lattes.cnpq.br/3528577334744990>. E-mail: igor.mallmann@hotmail.com.

---

político, o país liderado por Nicolás Maduro é citado nos mais variados contextos como um dos exemplos máximos de que, na visão desses grupos, os regimes de esquerda são fadados ao fracasso e até desumanos.

O envio de oxigênio por parte da Venezuela, nesse contexto, gera uma forte tensão nos embates de sentido, pois exige dos atores sociais e instituições que compõem grupos à direita estratégias tentativas no sentido de se apropriar desse fato e interpor leituras mais favoráveis à sua visão de mundo. Ora, se a Venezuela é o signo de um regime maléfico e fracassado, não é cabível, nesse imaginário, que protagonize um ato de solidariedade. Por outro lado, os grupos contrários, que têm maior identificação com o governo bolivariano, encontram nesse ato de ajuda humanitária da Venezuela um recurso que pode ser agregado ao seu capital simbólico nessas disputas pela atribuição de sentido.

Tendo isso considerado, a proposta é centrada nas indagações: de que maneira as disputas simbólicas acerca da Venezuela articulam, de um lado, imaginários sobre o comunismo e, de outro, a materialidade dos fatos? Qual é a natureza dos sentidos que emergem dessas disputas? Para tanto, pretende-se olhar para amostras de publicações de veículos jornalísticos e de agentes midiáticos em busca dessas apropriações e disputas de sentido observadas na circulação. Partindo das perspectivas teóricas selecionadas para esse trabalho, procederei para a realização de inferências de caráter ensaístico a respeito dos empíricos observados. Assim, o propósito é voltado mais a experimentar o potencial da articulação de conceitos teóricos e o caso empírico, provocando reflexões e novas questões. Não há pretensão de realizar uma análise metodologicamente guiada, portanto.

## **2 INTERPOSIÇÕES TEÓRICAS**

Como dito anteriormente, as apropriações de elementos de crenças próprias de períodos progressos – o “perigo vermelho”, por exemplo – aparecem também como centrais na problemática proposta para o ensaio. Nesse sentido, o caso da Venezuela se insere no contexto de estratégias comunicacionais de desqualificação de nações e povos não alinhados ao pensamento dominante no Ocidente. Falando sobre a China, outro país que entra nesta categoria de não alinhado ao Ocidente, Igor Sacramento (2020) demonstra

---

como o discurso do “vírus chinês” foi mais um capítulo desse processo de representação do inimigo.

Parece-me interessante discutir as disputas de sentidos observadas na **circulação** (FAUSTO NETO, 2020; FERREIRA, 2019) enquanto relações de **poder simbólico** (BOURDIEU, 1989). Se os indivíduos, grupos e classes buscam se distinguir e se superar na sociedade por meio dos diferentes tipos de capitais, trago essa discussão para os embates no ambiente digital. No jogo das interações mediatizadas, penso ser produtivo discutir como os agentes mobilizam capitais (simbólico ou político, por exemplo) no processo tentativo de produção de sentidos e tensionar como o habitus (BOURDIEU, 2011) dos diferentes grupos se manifesta nessas interações.

As lutas simbólicas entre grupos, classes ou indivíduos estão sempre presentes nos diferentes campos sociais, ainda que as suas configurações se alterem ao longo do tempo, da mesma forma que as estruturas do capital também passam por rearranjos. Assim como em qualquer espaço da sociedade, no ambiente digital os agentes buscam a distinção social e a prevalência de sua concepção de mundo. As tensões geradas a partir disso são correlatas às relações de poder simbólico. Concordo com Bourdieu na perspectiva de que:

As lutas, cujo pretexto consiste em tudo o que, no mundo social, se refere à crença, ao crédito e ao descrédito, à percepção e à apreciação, ao conhecimento e ao reconhecimento – nome, reputação, prestígio, honra, glória e autoridade –, em tudo o que torna o poder simbólico em poder reconhecido, dizem respeito forçosamente aos detentores “distintos” e aos pretendentes “pretensiosos” (BOURDIEU, 2011, p. 235).

No caso específico das disputas aqui abordadas, a circulação abriga apropriações, por parte de atores sociais e instituições, que constantemente buscam associações dos eventos atuais com aspectos de determinados imaginários ancorados em construções simbólicas pregressas, as quais são alimentados regularmente – o anticomunismo, por exemplo. Nessa perspectiva, “o imaginário corresponde ao primeiro olhar, que se transforma conforme interações e ações dos indivíduos entre si e com os objetos-meios” (FERREIRA, 2016, p. 85).

---

Esses imaginários, porém, entram constantemente em choque com os conteúdos aos quais os indivíduos são expostos no ambiente digital. Como dito anteriormente, por exemplo, o envio de oxigênio não cabe no imaginário compartilhado por certos grupos sobre a Venezuela. Assim, observam-se operações tentativas de ressignificar os fatos relatados em uma notícia, por exemplo, segundo determinado imaginário. Contesta-se, nesse caso, o discurso do campo jornalístico, o qual, em sua condição institucional, objetiva mediar a dimensão do real. Isso é algo característico dos processos de midiaticização, já que uma de suas consequências é:

a fragilização da vitalidade das operações de mediação dos campos sociais, com a ascensão de novas práticas tecnocomunicacionais, cujas dinâmicas de caráter interpenetrante engendram sentidos que tecem e alimentam novos processos interacionais, no contexto de uma nova paisagem de produção de sentidos (FAUSTO NETO, 2020, p. 212.)

Nesse ambiente de indeterminação e complexificação no qual se insere a produção de sentidos na perspectiva da midiaticização, Jairo Ferreira aponta um novo tipo de disrupção que:

emerge nas fissuras do que está regulado e do que está desrealizado. Que penetra com incisão nas instituições, colocando-as em xeque, através especialmente dos indícios, constituindo um regime indiciário que favorece a proliferação de imaginários, sem resoluções sociossimbólicas que favoreçam o reencontro com o real (FERREIRA, 2016, p. 91-92).

Neste ponto penso estar uma discussão central para este ensaio: as tensões entre imaginários que os agentes trazem à circulação e a forma pela qual operam na dimensão simbólica ao se depararem com os conteúdos (noticiosos, por exemplo) nos meios. Em uma possível aproximação a essa problemática, trago o trabalho de Lucia Santaella (1999), no qual a autora traça paralelos entre as três categorias fenomenológicas dos estudos de semiótica de Charles Sanders Peirce (primeiridade, secundidade e terceiridade) e os três registros psicanalíticos de Jacques Lacan (imaginário, real e simbólico).

---

Conforme Santaella, em Lacan “o imaginário é basicamente o registro psíquico correspondente ao ego” (SANTAELLA, 1999, p. 3), sendo que

Senhor e servo do imaginário, o ego se projeta nas imagens em que se espelha: imaginário da natureza, do corpo, da mente, das relações sociais [...] estamos sempre ansiando por uma completude que não pode jamais ser encontrada, infinitamente capturada em miragens que ensaiam sentidos onde o sentido está sempre em falta (SANTAELLA, 1999, p. 5).

A esse registro do imaginário em Lacan a autora relaciona a categoria de primeiridade de Peirce, a qual “inclui as ideias de acaso, originalidade, espontaneidade, possibilidade, incerteza, imediaticidade, presentidade, qualidade e sentimento” (SANTAELLA, 1999, p. 3). Essa forma de pensar o imaginário em consonância com a primeiridade me parece interessante para pensar a atuação dos agentes na circulação. Esses agentes trazem às interações essa dimensão do imaginário, o qual seria, então, uma qualidade, algo espontâneo, imediato, um espelhamento que busca completude e ensaia sentidos.

Já o real em Lacan “é aquilo que sobra como resto do imaginário e que o simbólico é incapaz de capturar [...] aquilo que só pode ser aproximado, jamais capturado” (SANTAELLA, 1999, p. 5). A esse registro, Santaella associa a secundidade de Peirce, na qual “encontramos ideias relacionadas com polaridade, tais como força bruta, ação e reação, esforço e resistência, dependência, conflito, surpresa” (SANTAELLA, 1999, p. 3).

Por fim, seguindo na perspectiva da autora, a terceiridade “está ligada às ideias de generalidade, continuidade, lei, crescimento, evolução, representação e mediação” (SANTAELLA, 1999, p. 3). Logo, se relaciona ao registro do simbólico em Lacan, que “é o lugar do código fundamental da linguagem. Ele é lei, estrutura regulada sem a qual não haveria cultura. Lacan chama isso de grande Outro” (SANTAELLA, 1999, p. 6). Ora, se o simbólico é a lei, logicamente ele é a dimensão do exercício do poder, da regulação, das disputas pelo poder, como visto em Bourdieu. Entendo que nessas disputas são acionados os imaginários dos agentes, gerando a luta pela atribuição de sentido sobre as materialidades que são encontradas nas interações da atual sociedade em vias de mediação. Isso porque o real é algo bruto, como vimos, ainda não simbolizado – na verdade aquilo que justamente resiste à mediação simbólica.

---

A partir dessas reflexões teóricas, procederei para alguns materiais relacionados ao caso empírico. Este se configura a partir do anúncio do envio de oxigênio por parte do governo venezuelano, em 14 de janeiro de 2021, e os movimentos de circulação observados nos dias seguintes. Publicações de atores sociais, instituições midiáticas e midiáticas na plataforma Twitter serão a base de observação. Antes, porém, buscarei fazer uma genealogia das discussões teóricas e autores citados, situando-os no contexto das Ciências Sociais e da Comunicação.

### **3 GENEALOGIA DAS DISCUSSÕES**

Do ponto de vista comunicacional, este ensaio se insere no contexto de uma sociedade midiática – ou em vias de midiática, se preferirmos. A circulação aparece como um processo fundante para compreender como se desenrolam as interações nessa sociedade. Esses conceitos, conforme trabalhados pelos autores ligados à linha de pesquisa *Midiática e Processos Sociais da Unisinos*, ainda que cada um tenha perspectivas diversas, têm uma de suas raízes principais nos estudos de Eliseo Verón (2004). Nessa abordagem, ganha importância a interdiscursividade, as trocas, no processo comunicacional, o qual não se resume mais à produção e recepção como polos estanques. Como explica Jairo Ferreira:

Tal observação nos levou ao conceito de recepção produtiva ou produção consumidora como chave do próprio conceito de midiática. Nos meios massivos anteriores, essa presença do receptor ocorria após produção ou no âmbito de uma produção em que uma série de discursos da instituição midiática era interposto. Nas redes atuais, os receptores passam a participar como construtores desses discursos, ocupando lugares antes só realizáveis pelos técnicos ou especialistas contratados para isso. (FERREIRA, 2019, p. 151).

A partir das noções de Verón – as gramáticas de produção e reconhecimento, por exemplo – e de outros autores, o conceito de circulação vem sendo trabalhado em diferentes matrizes. Conforme os processos comunicacionais avançam e se transformam, o conceito de circulação também passa por interpretações e complexificações.

---

Na questão das lutas pelo poder simbólico proponho a interface com Bourdieu, o qual se insere no contexto do estruturalismo, mesclando influências tão variadas como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Bourdieu é justamente um dos autores presentes nas formulações de Jairo Ferreira, o qual também trabalha com o marxismo, a semiótica de Peirce, entre outras perspectivas em interface com a midiatização.

Ferreira, como visto anteriormente, fala nas fissuras do que está regulado e do que está desrealizado. Relacionando isso às tensões entre as dimensões do simbólico e do imaginário, podemos situar a ordem simbólica como uma preocupação que aparece fortemente no estruturalismo – em Bourdieu, como vimos, por exemplo. É o tema do poder, das instituições, dos campos sociais e suas regras. O imaginário, nessa perspectiva, pode ser pensado como uma questão mais própria ao pós-estruturalismo, com as noções de desconstrução dos sistemas e estruturas na análise dos fenômenos sociais. Penso, porém, que não há uma dicotomia tão clara que separe temporalmente essas discussões, pois há atravessamentos entre as linhas de pensamento. O conceito de imaginário teve variadas abordagens, até mesmo sendo interpretado por meio de um tipo de estruturalismo, no caso de Gilbert Durand.

Não sendo a intenção deste ensaio adentrar em uma ampla discussão desses conceitos em suas várias facetas, opto por acionar de forma mais pontual o trabalho de Lucia Santaella, citado anteriormente. Nele temos um paralelo entre as categorias de Charles Sanders Peirce, cuja obra é fundante para os estudos da Semiótica, e, no campo psicanalítico, os registros de Jacques Lacan, o qual, entre outras influências, retoma e avança em conceitos e questões previamente trabalhadas por Sigmund Freud.

Expostas as perspectivas teóricas e uma breve localização de suas origens no cenário das Ciências Sociais e da Comunicação, aciono agora elementos do caso empírico, com vistas a produzir inferências.

#### **4 IMAGINÁRIOS EVOCADOS, SENTIDOS EM DISPUTA**

Quando o chanceler venezuelano, Jorge Arreaza, anunciou que seu país enviaria caminhões com oxigênio para socorrer a cidade de Manaus, as reações nos meios digitais

foram intensas, desde comemorações até ridicularizações. Não tardou para que a notícia fosse inscrita na circulação e apropriada por abordagens polarizantes, típicas da conjuntura brasileira nos campos da política e da cultura. O fato da ajuda humanitária representou um desafio à construção simbólica dos setores mais à direita, uma vez que se choca com os imaginários a partir dos quais esses grupos percebem a realidade. A partir da observação dos movimentos de circulação na plataforma Twitter, identifiquei a negação como uma reação quase imediata por parte desses agentes e grupos situados ideologicamente à direita – especialmente aqueles alinhados ao presidente Jair Bolsonaro. Passa a ser inscrita e replicada na circulação a informação – incorreta – de que o envio de oxigênio por parte do governo venezuelano seria uma mentira da esquerda e de veículos jornalísticos. Segundo essa versão, na verdade seria uma empresa privada – White Martins – a origem do oxigênio.

De fato, o que ocorre é que a maioria das publicações que trazem essa informação falsa fazem uso de uma notícia anterior (essa verdadeira). Trechos de matérias jornalísticas que falavam sobre a empresa White Martins ter disponibilidade de oxigênio são erroneamente associados ao envio de oxigênio oferecido pelo governo da Venezuela. Uma coisa não tem relação com a outra, mas esse arranjo, ainda que confuso, parece ter sido uma das saídas encontradas para (ao menos tentar) ressignificar os fatos. Esse arranjo satisfaz os imaginários nos quais a Venezuela figura como exemplo das qualidades negativas de regimes de esquerda, gerando percepções carregadas de descrédito, raiva, repugnância e ridicularização.

Esta solução é aceita por muitos agentes, que a reproduzem nas disputas simbólicas que se multiplicam nos meios digitais. Esta é uma situação na qual observa-se a proeminência de características ligadas à primeiridade, com as qualidades e percepções contidas nos imaginários anticomunistas sendo transpostas às materialidades dos fatos. Ainda que satisfaça determinado imaginário, esse atropelo dos indícios do real traz dificuldades nos embates simbólicos, já que a produção de sentidos gerada não se sustenta quando sai dos redutos daqueles que compartilham as mesmas visões. Recuperando o que Lucia Santaella comenta sobre o pensamento de Lacan, “diante do real, o imaginário tergiversa e o simbólico tropeça” (SANTAELLA, 1999, p. 5). Os agentes recorrem, então, a estratégias – ou subterfúgios - adicionais na tentativa de fortalecer suas posições no âmbito das disputas simbólicas. Publicações fazem menções à falta de credibilidade do

“governo ditatorial” venezuelano ou relacionam o caso em questão a supostas atrocidades cometidas por regimes socialistas ao longo da História, por exemplo (Figura 1). “País socialista”, “Ditadura é assim”, “ditador comunista”, “milhares morrem de fome lá”. Os agentes visam, nesse sentido, atestar um embasamento pretensamente histórico para suas afirmações, agregando seu capital cultural por meio de argumentos pseudocientíficos. Essas práticas de contestação das notícias, o tom alarmista e acusatório, a atribuição de adjetivos negativos às palavras comunismo e socialismo, aparecem de forma naturalizada, irrefletida, nas publicações. Poder-se-ia falar, talvez, que essas práticas integram o habitus desses grupos.

Figura 1 – Post acusando governo da Venezuela



Fonte: Twitter (2021)

A circulação não se restringe ao interior da plataforma observada. Ela inclui a absorção de publicações de outros meios – como outras redes digitais ou portais de notícias. Os jogos de acumulação de capital social se mostram complexos, com os agentes buscando tirar proveito de publicações de outros agentes e instituições com maior legitimidade e visibilidade em determinado campo (algum trecho de matéria jornalística,

como vimos anteriormente, ou alguma publicação de usuário com número elevado de seguidores na plataforma, por exemplo).

As instituições jornalísticas não ficam fora desse emaranhado de sentidos que emergem da circulação. Em consonância com o habitus próprio do campo, de mediação dos fatos, os veículos jornalísticos – principalmente os mais tradicionais – intervêm primeiramente com o objetivo de desmentir as informações falsas que circulam. Atestam que sim, o oxigênio está sendo doado pelo governo da Venezuela. Mas o que interessa assinalar é que essas instituições jornalísticas, longe de uma pretensa “mediação imparcial”, participam nas disputas simbólicas com seus próprios valores. Nas leituras que fazem do real, também podem ser observados vestígios de determinados imaginários. Na figura 2, vê-se uma matéria na qual o envio do oxigênio é secundário, sendo as qualidades e percepções - “ditador”, “chocados” – o tema principal da publicação. Nesse sentido, o veículo jornalístico não nega o fato em si, como os exemplos citados antes, mas propõe uma ressignificação a partir de um determinado imaginário sobre a Venezuela. É a perene representação do inimigo, como diz Igor Sacramento (2020), encarnada nos países não alinhados ideologicamente às hegemonias ocidentais.

Figura 2 – Post da Folha de São Paulo



Fonte: Twitter (2021)

Até aqui tratei de entradas nas disputas simbólicas que são essencialmente polarizantes, ao negarem sumariamente o outro, independentemente dos fatos, em conformidade com determinados imaginários. Mas entendo que as disputas em si não são polarizantes – as disputas permeiam o social em todos os seus âmbitos. Há também possibilidades de interações que superem as polarizações. No caso em questão, observo agentes que evocam, em suas publicações, imaginários outros, de solidariedade latino-americana, de união em momento de crise. Emergem experiências subjetivas, relatos e realidades sociais que fogem às interpretações polarizantes ou limitadoras. Passam a ser inscritos na circulação conteúdos como o exemplo da figura 3. Trata-se de um vídeo gravado por uma médica brasileira formada na Venezuela mostrando a chegada dos caminhões com oxigênio.

Figura 3 – Vídeo compartilhado pelo perfil Jornalistas Livres



Fonte: Twitter (2021)

Outras resoluções simbólicas são propostas. O sentido brota de ligações diretas com os processos sociais que são relatados. A entrada no oxigênio no Brasil testemunhado e relatado por uma médica que auxiliará na crise sanitária de Manaus adquire um peso

simbólico muito importante. Além disso, observa-se outra quebra de construções simbólicas polarizantes na aparição da bandeira brasileira nas mãos dos médicos que comemoram a chegada dos caminhões. Há outras imagens publicadas nas quais as bandeiras de Brasil e Venezuela são exibidas lado a lado em frente aos médicos da Brigada Simón Bolívar enviados a Manaus. A bandeira brasileira, que tem sido de certa forma “capturada” pelos grupos conservadores, aparece aqui em um sinal que não é de simples conciliação, mas de amizade entre dois povos. Os imaginários, nesse contexto, parecem ser convocados a partir de uma identificação interpessoal, de uma relação de empatia com o processo social relatado no ambiente digital.

Outros agentes trazem publicações de caráter crítico ao próprio governo brasileiro, denunciando sua incompetência em meio à crise sanitária, enquanto justamente aquele país cotidianamente atacado pelo presidente Jair Bolsonaro envia ajuda. Também há aqueles agentes ideologicamente identificados com o ideário de esquerda, que capitalizam o ato do governo venezuelano para reforçar as construções simbólicas pelas quais se orientam. A necessidade de uma solidariedade latino-americana e contra-hegemônica atravessa várias publicações e comentários, inclusive denunciando os constantes assédios estadunidenses à soberania da Venezuela.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início da produção deste ensaio, o conceito de polarização parecia ter um papel predominante para a compreensão do processo comunicacional do caso empírico trabalhado. Porém, a exploração mais cuidadosa da multiplicidade de interações e intervenções de agentes e instituições nos meios digitais me sugere que a estrutura de polos que se negam mutuamente não explica totalmente os embates observados. As disputas simbólicas englobam grupos com diferentes habitus e visões de mundo, sendo que as suas práticas no ambiente digital geram, sim, polarizações, mas também podem resultar em construções simbólicas que ultrapassam essa estrutura.

Observou-se que os imaginários são articulados de formas variadas nas interações. Em alguns momentos, o imaginário entra em choque com os fatos com os quais os agentes se deparam. Nesses casos, a hipótese é de que os agentes privilegiam as qualidades e

percepções – primeiridades – que o fenômeno lhes sugere, buscando uma ressignificação por meio de simbologias que satisfaçam o imaginário em questão. No caso da Venezuela, por exemplo, o ato de ajuda humanitária é incompatível com imaginários assentados no anticomunismo, portanto os agentes buscam uma resolução simbólica baseada em negação e desqualificação. O outro conjunto de publicações observadas indica possibilidades de produção de sentido diferentes. Temos, por exemplo, a interposição de experiências do mundo social que geram identificação e empatia frente à situação da pandemia. A inferência é de que a polarização, inclusive, pode ter suas simbologias subvertidas – como no caso das bandeiras de ambos os países lado a lado. Nesse caso, os imaginários evocados pelo contato com o real não resultam em necessidade de negação. Os sentidos que emergem são de solidariedade entre povos latino-americanos ou contra-hegemonia, por exemplo, sendo capitalizados pelos agentes em suas intervenções nas disputas simbólicas.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, José Luiz. Polarização como estrutura da intolerância (uma questão comunicacional). In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (org.). **Mediatização, polarização e intolerância**: (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 297-315.
- FAUSTO NETO, Antônio. Trajetórias do coronavírus e interpenetrações de discursos sociais. In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (org.). **Mediatização, polarização e intolerância**: (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 209-230.
- FERREIRA, Jairo. Hipóteses sobre polarização, mediatização e algoritmos. In: FERREIRA, Jairo... [et al.] (org.). **Mediatização, polarização e intolerância**: (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 317-337.
- \_\_\_\_\_. Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições? In: BRAGA, J. L.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A.; GOMES, P. G. (org.). **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 2. ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2019. p. 145-160.
- \_\_\_\_\_. Valorização do capital e semiose mediatizada: entre modos de produção e formas de produzir. In: MIÈGE, Bernard... [et al.] (org.). **Operações de mediatização**: das máscaras da convergência ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016. p. 81-93.
- SACRAMENTO, Igor. A melodramatização da pandemia: a Covid-19 e as dinâmicas de representação do inimigo. In: BARBOSA, Marialva; SACRAMENTO, Igor (org.). **Vozes consoantes**: comunicação e cultura em tempos de pandemia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. p. 116-131.

---

SANTAELLA, Lucia. As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 81-91, 1999. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65641999000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 29 abr. 2021.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.